

# UMA CONVERSA COM RÓMULO DE CARVALHO / ANTÓNIO GEDEÃO

*Entrevista em Lisboa a 27 de Março de 1991 conduzida por Christopher Aurretta (CA) e A. M. Nunes dos Santos (AMNS) e publicada em inglês no livro «51+3 Poems and other writings», (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 1992). A Gazeta de Física agradece a colaboração de A. M. Nunes dos Santos, professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, que amavelmente cedeu o texto da entrevista.*

CA — Há uma questão que gostaria de levantar. Despertou para a ciência, para seguir uma carreira científica, muito cedo. Despertou também para a poesia. Este despertar aconteceu no mesmo momento ou foram dois momentos bem diferentes, ou o despertar para a vida é a mesma coisa que despertar para a ciência e para a poesia? Eu gostaria de saber — uma vez que é um ser humano tão multifacético: poeta, cientista e pedagogo — como foi esse despertar? Como foi a génese de isto tudo?

RC/AG — Bem, as coisas todas têm um princípio, evidentemente. Em casa da minha família, um ambiente modesto, os meus pais, as minhas irmãs, pertenciam a uma burguesia média, mas muito modesta. Minha mãe, sem nenhuma instrução especial, tinha apenas a instrução primária, mas gostava muito de livros e uma das minhas irmãs também lia poesia de modo que havia em casa alguns livros... O que se lia naquela altura eram os folhetins distribuídos à porta. Aqui entre nós havia uma distribuição à porta por funcionários de certas casas editoras que vinham entregar romances em fascículos; batiam à porta das pessoas e perguntavam se os queriam. Claro, minha mãe recebia-os à porta, fazia a assinatura e pagava um tanto por cada fascículo. Eram sempre obras de 'faca e alguidar', as obras, por exemplo, de Peres de Cristo — talvez não as conheça — as obras de Ponson du Terrail. Bem, coisas desse género. E também em português, havia António Campos Júnior, que tem uma obra de história romântica, digamos, de capa e espada. Esses livros

eram sugestivos e li-os quase todos; um deles foi uma das minhas bíblias, ainda hoje o aprecio imenso: *As Mil e Uma Noites*. *As Mil e uma Noites* e os contos árabes também eram entregues ao domicílio e minha mãe, lá com as suas economias, assinava tudo isto e lia-os posteriormente. E claro, aquilo era tudo lido por ela e pelas minhas irmãs, principalmente por uma delas — eu tenho duas irmãs — principalmente pela mais velha. Por outro lado, a minha irmã poetava. A minha mãe não poetava... assim abertamente, mas lá no seu íntimo também poetava. Não tenho dúvida nenhuma sobre isso. E tudo o que eu sou é uma reprodução dela. Aquela rosinha que aparece num dos poemas é uma reprodução dela. O ambiente tinha portanto um certo ar literário. Claro, era tudo muito modesto, mas havia uma certa instigação para a poesia, para a literatura em geral. Para a ciência não havia nada nesse sentido. Bem, quando entrei no liceu, tinha disciplinas nas duas matérias-Letras e Ciências. Foi aí o primeiro contacto que tive com o conhecimento científico. E desde então interessou-me tanto ao ponto de que quando cheguei ao último ano do curso, na altura em que tinha de escolher o destino, quando sáisse do liceu, quando fosse para a universidade, ou seja, seguir para a Faculdade de Letras ou para a Faculdade de Ciências, tive muita hesitação porque estava igualmente inclinado para uma coisa e para outra. E como me tinha de decidir por uma, escolhi as ciências porque vi que elas me davam um futuro

A Sociedade Portuguesa de Física presta uma modesta homenagem ao professor, pedagogo, poeta e historiador de Ciência, Rómulo Vasco da Gama de Carvalho.

Rómulo de Carvalho continua hoje, com a frescura a que nos habituou, uma obra multifacetada, profunda e sensível, que tem enriquecido sobremaneira a ciência e a cultura portuguesa.

A Gazeta de Física, neste número em que se renova, lembra o contributo ímpar que lhe foi dado por Rómulo de Carvalho.

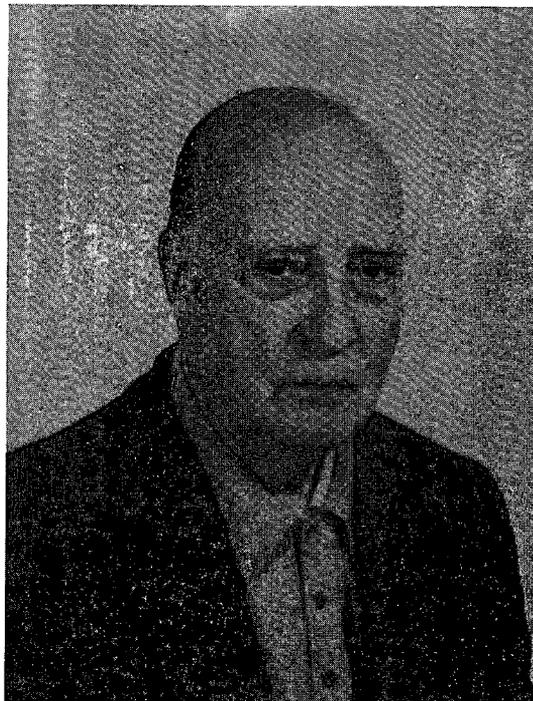
mais fácil para ganhar a vida. Bem, na parte das letras, o que é que podia ser? Para o Direito, coisa que detestava como ainda hoje detesto — para Direito, de modo nenhum, porque não tenho a mínima consideração pela justiça universal, pela justiça dos homens, por aquilo que tenho visto ao longo do tempo. Ainda ontem na televisão se falou, e vem nos jornais também, dum aluno que cabulou na Faculdade de Direito de Coimbra. Arranjou um óptimo processo de cabular, um aluno do quinto ano da Faculdade de Direito! Bem, nessa altura já se exige uma preocupação de ser honesto. São coisas que me impressionam muito. Bem, as letras também não tinham saída. O que é que se fazia com o curso? Preferi então ir para as ciências. E segui por aí, quase por uma necessidade económica porque, por mim, achava-me tão capaz de seguir por um caminho como seguir por outro, sem dar preferência a uma ou a outra. Tive ainda a meu favor, porque já ia veresando, esta consciência de que estando nas ciências ao mesmo tempo que podia ganhar a vida com mais facilidade, mais gosto até, podia também continuar a entregar-me às letras se quisesse. O que já não era fácil se fosse ao contrário. De modo que foi um certo complemento que reunia as duas coisas, aproveitando as possibilidades que a vida me daria.

**AMNS** — O facto de ser Física ou Química teve alguma influência?

**RC/AG** — Ah, sim, sim, a parte experimental. Sempre tive muito gosto em trabalhar. Já tenho expressado muitas vezes esse meu desejo que, se fosse operário, seria serralheiro ou marceneiro. Gostava, tenho gosto em trabalhar. Além disso, ao longo da vida, tenho sempre feito coisas em casa — até fiz móveis. Tenho feito essas coisas. Gosto muito dessas coisas de trabalhos de mãos. A Física e a Química atraíram-me por causa disso. E até fometei isso muito nos meus alunos. Fometei esse gosto entre os alunos pondo-os a trabalhar e insistindo muito no ensino experimental. Porque eu em todas as minhas aulas — nas aulas teóricas — levava sempre material experimental para a aula. Ia sempre fazendo experiências com os alunos. Eles podem dizê-lo. Há por aí centenas e até milhares de alunos que podem dizê-lo.

Fazia sempre isso. Por gosto, quer dizer, escolhi depois a Física e a Química por gosto. De resto os compêndios em si mesmo, os professores que tive, nada disso era aliciante. Eram sem dúvida de baixo nível. Com dificuldade posso recordar o nome de um professor a quem eu dissesse que fiquei devendo uma orientação qualquer para entrar na Faculdade. Tudo de baixo nível. Havia, como hoje há, muitos professores sem preparação.

Hoje há mais, é claro, que está tudo multiplicado por factores elevados, hoje há mais, mas naquele tempo também já havia bastantes: uma vez fiquei muito chocado



**RÓMULO DE CARVALHO** nasceu em Lisboa em 1906. Conhecido em Poesia sob o pseudónimo de António Gedeão é licenciado em Ciências Físico-Químicas pela Universidade do Porto.

Exerceu o magistério secundário durante 40 anos e é um pedagogo notável, um divulgador da ciência dedicado e um investigador histórico empenhado.

Foi membro da direcção da *Gazeta de Física*, da revista *Palestra*, do Liceu Pedro Nunes, e do *Boletim do Ensino Secundário*, do Ministério da Educação.

É ainda autor de diversos compêndios escolares. A sua *História do Ensino em Portugal* contribuiu para uma melhor compreensão do modo como o ensino se propagou e ministrou em Portugal.

Em reconhecimento da sua obra, Rómulo de Carvalho foi agraciado com o grau de Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública em 1987.

quando vi na rua — eu ia a passar no Rossio (era rapaz de liceu) —, quando vi um dos meus professores — um dos que me davam aulas — de capa e batina. Mas como é que isto pode ser, era tão parecido: Será o mesmo? Depois então é que eu soube que ele era realmente estudante — como hoje acontece. Muitos estudantes são professores de liceu. É claro, a maioria não tinha preparação nenhuma.

AMNS — E na Faculdade, sentiu que havia já alguma diferença?

RC/AG — Na Faculdade, tive aqueles gerais que eram, no tempo, os catedráticos da Física e da Química. Eram tudo gerais. São nomes que hoje já não dizem nada a ninguém, não é verdade?, como Aquiles Machado, Borges Sequeira, D. António Pereira Forjaz (esse não era general, era sobrinho dum general. Já é um posto.) [Riso...s] Também, é claro, havia gente muito soturna, sorna, muito grave. Não, não tenho nenhuma ideia agradável de toda a minha vida escolar. Tudo quanto eu fiz fi-lo por mim. Todo o prazer que eu encontrei... na observação científica, na parte experimental, na literatura, tudo isso foi feito por mim. Tudo isso foi trabalho pessoal.

AMNS — Aliás, onde o entusiasmo se pode reflectir mais acentuadamente... Enfim, a pessoa pode sempre ter um impacto muito grande nos estudantes; contudo, ultrapassou isso com as suas publicações de divulgação científica, para um público em geral. Foram aqueles textos da *Física Para o Povo*, sempre na tentativa de fazer a ciência chegar a um público que efectivamente hoje ainda não tem, enfim, a convicção de uma assimilação cultural da própria ciência ...

RC/AG — Isso é consequência exactamente, por convívio com os estudantes, de ter reconhecido como eles estavam abandonados. Quer dizer, a ciência era uma coisa receitada nos compêndios, não é? Receitada, tomava-se aquilo como quem toma comprimidos, ou qualquer outro medicamento. Aquilo era necessário para passar de ano para ano — mas sem prazer nenhum. E a minha intenção foi exactamente conseguir distribuir pelas mãos deles, e por outros que não fossem estudantes, os conhecimentos, assim de uma maneira mais sentida, mais profunda, mais agradável, etc. Parece que isso deu algum resultado. E que culminou depois com aqueles livrinhos — Ciências da Natureza — que tiveram um grande êxito. Nessa altura eu estava verdadeiramente preparado, já muito amadurecido, para fazer uma coisinha interessante que são esses dois volumes para o ciclo preparatório e que tiveram bastante êxito. E até serviram como modelo para tudo o que se conhece da época e para os que vieram a seguir. Estes livros, quando apareceram, não tinham antecedentes: pela ilustração, pela disposição, pela linguagem, tudo isso... foi uma novidade naquela altura.

AMNS — Eu penso que pela primeira vez houve uma preocupação de se dar a conhecer uma evolução das ideias científicas. Estou-me a lembrar daqueles pequenos volumes da *História do Átomo*, da *História do Telefone*, que abrangiam não só a ciência mas até a própria tecnologia, e que considero uma falha tremenda, actualmente, não ter havido uma continuação.

RC/AG — E não houve!

AMNS — E não há uma continuação no mesmo estilo. Já agora — a minha pergunta vai até na sequência da do Christopher — em relação ao processo criativo, eu recordo-me que houve muitas vezes poetas, por exemplo, estou a lembrar-me do século dezanove, houve alguns poetas que assistiam às aulas de Humphry Davy — os casos de Coleridge e Wordsworth — para obterem metáforas de índole científica e depois as extrapolarem para a sua poesia. ...No seu caso, o facto de ter uma formação científica, reflecte-se bastante na sua poesia, (e neste aspecto é um caso único e ímpar da poesia portuguesa), no processo criativo, portanto. A metáfora científica surge naturalmente na poesia?

RC/AG — Sim, naturalmente, e não há aí nenhum rebuscamento. Estou agora a lembrar-me dum caso — de Vitorino Nemésio — que metia palavras científicas...

CA — Mas era mais à superfície. É uma coisa artificial, enxertos de léxico...

RC/AG — Sim.

AMNS — O facto de haver um léxico não é...

CA — É como vestir a pele da ciência sem aprofundar os conceitos.

RC/AG — Mas não é aquele conhecimento mais profundo que resulta de se conhecer a ciência e de se pensar cientificamente sobre os temas que não são científicos. Ali, nele, havia um propósito: uma construção...

AMNS — Em *Limite de Idade*, por exemplo... e todas aquelas terminologias de Bioquímica...

RC/AG — Mas aí já há uma construção, uma intenção de construir ao passo que, no meu caso, visto que estamos a falar nele, no meu caso não há nenhuma construção. É uma consequência natural da minha formação. Nem é preciso ir à poesia, até porque na conversa corrente essas coisas, esses paralelos podem surgir. Quem está habituado a pensar em termos científicos normalmente aplica-os em qualquer coisa que está à sua volta e que não tem nada a ver com a ciência.

CA — Sente, portanto, uma convivência perfeita, equilibrada, entre o ser cientista e o ser poeta?

RC/AG — Eu queria até fugir... exactamente há pouco o Christopher tinha falado, fez uma certa dicotomia entre as duas coisas. Bem, eu não vejo as coisas assim e repudio até essa dicotomia. Nós estamos todos muito viciados, nós ocidentais, os americanos são

também ocidentais (para mais com a sua origem italiana...), nós estamos todos muito viciados pela cultura greco-latina... todos... e continuamos a ver na poesia aquela coisa extraordinária, mítica e mística, aquele valor extraordinário que os gregos e os romanos atribuíram aos poetas. É claro que era uma época em que a ciência não tinha peso nenhum. Embora hoje nós saibamos que eles tecnicamente tinham coisas muito valiosas — muito interessantes, muito valiosas, muito bem imaginadas. Mas, naturalmente, não havia ninguém que pensasse pôr uma coroa de louros na cabeça dum técnico. Isso ficava reservado para os poetas. Porque os poetas cantavam-nos a eles, àqueles que punham as coroas. Portanto as coroas já eram pagamento — em coroas — [Risos], pelos favores que eles tinham feito ao cantá-los. Bem, criou-se assim através dos séculos, e chegou ainda até nós, esta convicção — ainda vejo tratar aí a poesia em escritos de intelectuais como uma coisa sobrenatural — quando é uma coisa naturalíssima.

CA — Lembro-me daquele dia em que foi à nossa Faculdade [Junho, 1987]; aquando dessa sessão, levantou-se e disse, antes de ler o «Poema para Galileo», ao público: «Nada me é exterior». Eu fixei essa frase porque achei que, quer como cientista, quer como poeta, o que conta é o real que nos invade, nos enche, que nos atravessa, e que vamos olhar para esse mundo...

RC/AG — Aquilo que para nós é o real. Aquilo que vemos como real.

CA — Claro, mas por outro lado...

RC/AG — Ficou-se ainda nesse estado de êxtase perante a poesia. Trata-se a poesia, e dá-se até à própria palavra e à palavra poética, dão-se significados totais quando são muito parcelares. Por exemplo, uma coisa é poética. É claro que nós sabemos que há poetas que disseram as maiores barbaridades e obscenidades que não têm nada de poético. Quer dizer, atribuiu-se já um sentido particular ao termo «poético». Deu-se um significado particular à palavra 'poesia' que já não tem nada a ver com o formalismo dessa mesma poesia, não é verdade? Hoje, como se sabe, faz-se poesia e não tem nada que a caracterize como poesia, nem sequer no aspecto formal, quer dizer, só no pormenor: é não chegar à margem direita do papel — é o único pormenor que fica para que um texto de hoje se diga poesia.

CA — O poeta está a invocar um formalismo, o rigor para a poesia que hoje em dia se vai atenuando.

RC/AG — Sim, quer dizer, perde-se a definição. Nós temos de dizer que há duas formas de expressão escrita: uma é a poesia e a outra é a prosa. O que é que distingue

uma da outra? A única distinção que temos era aquela que já dizia o tal oficial boçal do Morgadinho da Valeflor; ele dizia: «Para mim esta é poesia porque não chega à margem do papel». É rigorosamente isso, e isto era divertido porque isto era uma peça de teatro dum homem boçal, inculto, etc., que, coitado, não sabia distinguir uma coisa da outra. Pois, isso hoje é ainda uma realidade. Nós só distinguimos a poesia da prosa, nós vemos que se escreve uma coisa que se chama verso pela tal razão: divide-se uma sílaba duma palavra e passa-se para o outro lado. É poesia porque não chega à margem direita do papel. Perdeu portanto todas as características, mas procura-se dar às palavras, poesia e poético, um significado tal em que isso possa caber. Esse significado está num certo mistério que está misturado com as palavras. Numa certa expectativa perante uma folha branca de papel, em que o autor está a chupar na esferográfica e a olhar para o papel. É uma cena irreal, uma coisa espantosa, à espera de uma coisa a que chamam inspiração. Mas tudo isto, que era do século dezoito, dezassete, etc., continua no século vinte. Continua, é o prolongamento dos mitos, que é para mim uma coisa impressionante. Na verdade, nós vivemos em função dos botões em que carregamos. O nosso progresso é só esse. De resto, o homem continua a ser o mesmo: agarrado ao passado e defendendo-se com unhas e dentes.

CA — E por isso nascem as tais dicotomias.

RC/AG — Exacto, exacto, por isso lhe pergunto: Há alguma dicotomia? Não há nenhuma! A pessoa encara a poesia como encara a ciência, como encara a arte, como encara qualquer outra coisa, não há incompatibilidade.

CA — Convivem pacificamente?

RC/AG — Com certeza.

CA — Enriquecem-se?

RC/AG — Exactamente. Não há nenhum motivo para me dizerem: «Então, você que é cientista, também faz poesia? Não tem nada uma coisa com a outra. Pois é, faça e também faça móveis!»

CA — Aliás, quando se lê a sua obra, grande parte dela tem um rigor rítmico e rítmico, é quase... sinto que o poeta construiu a frase como se fosse marceneiro. Com um cuidado, um esmero tremendo.

RC/AG — Sim. Sim.

CA — Ora, esse rigor, o rigor do experimentalista será também o rigor do laboratório linguístico.

**RC/AG** — Mas não foi transferido de uma coisa para outra. Foi natural. Quer dizer, há uma base donde parte tudo o que é um certo entendimento do que nos rodeia, na busca da melhor maneira de expressar aquilo que se sente. Tanto pode ser num campo como noutro.

**CA** — E há uma comunicação entre a inteligência objectiva e a sensibilidade que vive os momentos da vida. Por outro lado, (vou fazer de cardeal do diabo), há essa compatibilidade, essa relação pacífica enriquecedora, natural, mas a poesia é também um idioma muito diferente do idioma, do dialecto que se chama ciência. Requer uma convivência com o silêncio, com a solidão, com a dor, e mais a mais, o poeta escolheu para si outro nome, uma segunda identidade, um pseudónimo. Demarcou-se, baptizou-se com o outro ser que se chama António Gedeão. Delineou, e portanto há uma separação dentro da sua unidade.

**RC/AG** — Sim, Sim. É que na poesia estou a falar comigo. Estou a falar comigo. Enquanto na minha actividade profissional, estou a falar com os outros. É uma coisa diferente. A uma certa altura — agora, com licença, vou-me recolher ao meu silêncio e à minha toca. Nessa altura, então, não quero comunicação nenhuma com o exterior. Por isso perco até a minha própria identidade. Quero ser aquilo que realmente sou mas que é só para mim, que é incomunicável.

**CA** — Isso parece um pouco paradoxal, porque esse estado de incomunicação que vive quando está com António Gedeão, quando está em diálogo íntimo consigo próprio, a poesia acaba por comunicar a todos. Acaba por ser comunicável a todos. Nós lemos, e há uma comunicação até imediata.

**RC/AG** — Bem, está a dizê-lo. Aceito o que diz. Não vou negar aquilo que está a dizer. Não sou eu que o digo. Mas, como sabe, só publiquei pela primeira vez aos cinquenta anos. Poder-se-ia perguntar, então o Sr. só aos cinquenta anos é que começou a escrever poesia? [risos] Evidentemente que não. Aliás quem lê os textos publicados reconhece nessa altura que há uma longa emaduração. Com certeza não se começa por ali. Vem de longe, e de facto foi — desde a infância, desde a mais tenra infância. Isto é importante recordar. Agora, para responder a essa questão: está a dizer-me que, apesar de ser uma coisa íntima, comunica com os outros, etc., e os outros têm prazer na literatura e até sentem nela alguma coisa que eles próprios gostariam de ser capazes de dizer, etc., — essas coisas habituais — mas eu que publiquei ao fim de tantos anos, aos cinquenta anos, por uma tentativa de realmente reconhecer, de reconhecer, não de conhecer

(sem 're'), se a minha poesia escrita nessa incomunicabilidade, tinha realmente alguma possibilidade de comunicar. Portanto, foi uma experiência. Dentro dum estilo, uma experiência científica. Foi uma experiência, vamos ver se isto, bem, é como quem procura testar uma hipótese: vamos ver se isto dá ou não. Portanto só aos cinquenta anos (porque como já tenho dito, eu destruí tudo o que escrevi até aí; entendi que aquilo para mim era como um desabafo e só me interessava a mim próprio) coloquei esta questão: experimentar. Experimentar o que é que os outros sentiam porque ninguém sabia dessa minha actividade. O que é que os outros sentiriam se eu lhes pusesse nas mãos aqueles meus documentos experimentais. E realmente parece que se sentiram muito — em particular, o aspecto rítmico, da musicalidade. Deu origem logo aos cantores.

O Manuel Freire com quem já tenho falado, pessoalmente, disse-me uma vez que musicou a «Pedra Filosofal» — que se tornou célebre — porque se pôs a cantá-la, tinha um ritmo tal... E ele, com a sua vocação, enfim, para a guitarra, começou logo a cantá-la. Pois daí aperfeiçoou — e apareceu a canção. Teve um grande impacto esse primeiro livro e houve demonstrações unânimes de que muitíssima gente tinha sentido aquilo. E, portanto, eu estava a comunicar de facto. A hipótese estava correcta. Valia a pena continuar.

**AMNS** — Tem graça porque eu tinha uma pergunta nesse sentido que é mais pessoal, relacionada com o facto de António Gedeão se ter desnudado ao fim de cinquenta anos, sabendo enfim que o seu gémeo Rómulo de Carvalho era uma figura conhecidíssima, quer através das publicações, quer como pedagogo. Será que António Gedeão teve alguns receios de que a experiência pudesse não resultar tão bem face às de Rómulo de Carvalho?

**RC/AG** — Não. Não tinha receio porque eu, por mim, estava convencido por esses poemas que escrevia para mim, para desabafar, para traduzir aquilo que eu sentia; eu verificava que eles me satisfaziam a mim. E como eu sou muito exigente [risos] naturalmente pensei que tornando aquilo público outros se satisfizessem também. De modo que não tinha dúvidas sobre isso.

**AMNS** — E não fez mais cedo porque...?

**RC/AG** — ...Porque nunca tomei essa decisão. Ficou-me assim qualquer coisa de memória há tempos, assim, nem mais nem menos, veio-me à memória — estive a recordar-me a propósito de não sei de quê — e reproduzi um soneto todo, exactamente um soneto de estilo camoniano. Eu achei graça, achei que estava bem construído, e mandei-o para o Colóquio de Letras, e foi lá

publicado. É até dedicado a um rapaz, ao Luís Vaz de Camões, [Risos] recordando o convívio da nossa mocidade. A recordação desse convívio, eu lia-o muito, a parte lírica do poeta heróico, sem desmerecimento para o poeta. A respeito da sua construção, está bem feito, como outros também do seu tempo. Agora, as líricas, essas é que são sublimes. As líricas, essa é que é a grande obra de Camões. O aspecto épico... enfim. E mandei esse soneto para o Colóquio. É bonito. Quer dizer, lembrei-me desse do passado, daquelas coisas que já tinha deitado fora... e ficou publicado.

CA — Podia fazer mais uma pergunta nessa linha de fazer de novo de cardeal do diabo? Disse agora que escreveu poesia para si. Enovela-se para dentro, cobre-se com esse nome António Gedeão, esse nome de baptismo mais secreto, digamos. Portanto, é quase uma procura de intransparência, é como levar uma mágoa. De facto, eu acho que na sua poesia aprecio o seguinte: há uma consciência de que a vida é catastrófica...

RC/AG — ...exacto...

CA — ...e que é preciso aprender, como o António Gedeão aprendeu, um certo laconismo, um certo silêncio, face a essa catástrofe, saber dizer essa catástrofe, mas em doses bem medidas. Enfim, nós alimentamo-nos com essa consciência, mas essa procura de intransparência, de esconder-se. Por outro lado, o cientista não pode ser minimamente intransparente. Quando concebe uma experiência, formaliza uma experiência, e ao comunicar essa experiência ele tem de usar uma linguagem, uma nomenclatura universais. Ali haverá, não digo dissonância entre o ser cientista e o ser poeta, mas simplesmente outra faceta do mesmo prisma?

RC/AG — Sim, está bem. Está a dizer que, no aspecto científico, o cientista deve apresentar as suas hipóteses com clareza. Mas o facto de o Christopher me dizer isto desdiz de certo modo aquilo que quer dizer porque leu a poesia e está a comunicar aquilo que ela lhe comunicou. Portanto, lá está, do mesmo modo que teria posto uma hipótese científica e os outros tivessem entendido. Entendeu a poesia, não é verdade? Entendeu-a. E isso que está a dizer realmente, essa falta, esse deses- pero, digamos, esse desencanto, esse desamparo face à vida, tudo isso é certo, mas compreendeu, o Christopher entendeu isso. Portanto, está lá para ser entendido.

CA — Mas essa compreensão é um pouco diferente porque é preciso reler para sedimentar...

RC/AG — Muito bem, exactamente esse é um dos meus interesses porque eu reconheço, embora não esteja a

fazer isto propositadamente, mas reconheço na minha poesia, pela maneira como eu ponho as coisas, e até aliás na simples conversa isso se pode notar, que as coisas são ditas ou escritas, no caso da poesia, de modo que o ouvinte recebe ou lê, e numa primeira leitura imediatamente — se a sua cultura for assim escassa — ele, imediatamente, apesar disso, tem logo uma sensação. Sentiu uma coisa qualquer. Não viu tudo. Bem, o meu interesse é exactamente esse. É como na divulgação científica: há um limite mínimo que qualquer pessoa recebe logo. Depois, é claro que aqueles que têm mais habilidade, mais sensibilidade, vão mais fundo, começam a descobrir, a prospectar coisas novas. Dirão eles que se queria dizer isto e mais aquilo. Sem ser propositado, realmente as coisas estão lá assim. E até na própria conversa muitas vezes eu digo uma coisa qualquer, e pela maneira como o outro a recebe, eu faço uma avaliação das capacidades intelectuais do outro. Se eu digo uma certa coisa, e a outra pessoa fica séria, eu digo, bem, não percebeste. Se sorri, já o avalio doutra maneira. Se ri, já a avalio doutra maneira. Com as mesmas palavras. Na poesia é a mesma coisa. Há ali possibilidades de várias gradações, para cima ou para baixo, mais ou menos profundas, que dependem do leitor.

AMNS — Agora, mudando um pouco de tema, se pudesse haver uma verdadeira reforma educativa, se houvesse uma nova visão do ensino, quer da ciência, quer das humanidades, tem alguma sugestão quanto a um curso que se conseguisse ensinar. Como já escreveu e publicou pela Fundação Calouste Gulbekian o volume sobre a História do Ensino em Portugal, sabemos que é uma questão sobre a qual tem reflectido muito...

RC/AG — Eu acho pessoalmente que seria de fazer assim um curso, em que as coisas estivessem congraçadas, e tivessem proveito para os dois casos. Agora, imaginar a redacção, o esquema e o programa dum curso generalizado, de maneira nenhuma! O êxito dessas coisas depende da pessoa.

AMNS — ...mais do docente do que do programa...

RC/AG — O ensino é sempre mau, e sempre foi mau em todos os sítios.

AMNS — O ensino mata a curiosidade...

RC/AG — Bem, agora o ensino é bom, excelente, em determinadas aulas, com determinados professores. O resto é escusado; podem-se fazer as leis que se quiserem. Agora, com a tendência de se generalizar a escolaridade, houve milhares de alunos que tiveram que ir para a escola. Mas e os professores? Esta questão é sempre escamoteada. Fizeram as escolas e elas agora

têm de funcionar. Mas onde estão os milhares de professores necessários para tantas escolas que se abrem dia a dia?

AMNS — ...preparados para este desafio...

RC/AG — E até mesmo havendo preparação, essa preparação não é como quem molda cerâmica ou qualquer outra coisa parecida. Não é, porque muitos podem ser sujeitos à preparação e não a receberem — não serem capazes de a receberem. Isso de ser professor é uma coisa muito especial, muito delicada. Não é por eu ter sido professor e estar a defender essa profissão, mas a profissão de professor é uma coisa extremamente difícil. Há pouquíssimos professores que são bons. Para o bom professor, nem é preciso um programa. Ele sabe ensinar o que tem que dar. Quando os alunos chegam ao fim do ano eles têm que saber. Agora o professor bom teria tudo nas suas mãos para proferir como quisesse. Seria óptimo qualquer de nós entrar numa aula e ir com a liberdade de poder dirigir as coisas como quisesse. Ele levava uma certa intenção, o que faria agora, ou recorrendo à literatura, ou à ciência, ou às duas coisas, fosse o que fosse, ele punha-se a dialogar com os alunos, punha-se a dialogar com eles, e, quando chegasse ao final [da aula], os alunos deveriam olhar para o relógio: — O quê, já estamos de saída? Assim é que seria óptimo. De modo que não é possível, em resposta directa à sua pergunta, não sou capaz de imaginar um programa que se pudesse instituir e que fosse útil, dentro daquele ponto de vista que lhe interessa, para todos os professores, para todas as escolas e para todos os alunos. Não existe.

AMNS — O facto de não haver também reciclagem e uma coordenação entre os professores, e aqui não estou a falar só dos professores do ensino secundário ou do ciclo preparatório, mas de todos nós. É muito habitual, por exemplo, em Inglaterra, mesmo os professores universitários reunirem-se para analisar e programar em conjunto os novos currícula. A inexistência disso em Portugal penso que tem penalizado dramaticamente o ensino. Porque para muitos professores e especialmente os do ensino secundário, como não há aquele objectivo de fazer investigação e de uma busca contínua de conhecimento, pode haver uma certa estagnação pessoal. O programa oficial do próprio Ministério é já uma limitação à pessoa, e muitas vezes ela não sabe transmitir o seu entusiasmo. Há uma outra coisa que me choca profundamente na escola, e aqui diria na Universidade — é que, muitas vezes, o aluno, ao fim de um ano, um dos seus grandes objectivos é sair da escola, esquecer-se da escola. Ele acha que a preparação da vida está fora da instituição universitária, e que aquilo é para o diploma.

Quando chegamos ao terceiro ano, a maioria dos alunos diz que quer fazer as disciplinas o mais rapidamente possível porque estão desejosos de sair da escola. Isso deprime-me tremendamente porque tenho um conceito da instituição como a sede do entusiasmo, o impulso do saber, quando é muitas vezes o contrário. Talvez seja necessário haver algumas modificações no tipo de pedagogia que possam estimular mais o aluno.

RC/AG — Consigo, estava bem. Mas não se pode dizer: — Ora, ó meus professores, agora vai ser assim...

AMNS — Bem, eu vi que no caso que já mencionou, por exemplo, o facto de levar para uma aula teórica de Física ou de Química alguma coisa de experimental modifica tremendamente o conceito pedagógico que nós temos. A pessoa experimenta um deslumbramento que é diferente do que podemos ter em face duma teoria. Embora, também, penso que há uma grande penalização devido ao facto da pessoa assimilar muito facilmente a teoria — mesmo não a entendendo.

RC/AG — Sim. Estimular é saber tirar proveito das coisas, saber encantar, digamos, pôr as coisas em relevo, mesmo as coisas insignificantes. Por exemplo, eu pego numa pedra, ou um objecto qualquer, e suponhamos que estou numa aula com os alunos e vou pôr a situação de largar a pedra e ver o que vai acontecer. Bem, toda a gente sabe como é. «Mas já pensaste nisso? Porque é que isto não há-de ir para cima, ou para o lado? Enfim, não poderia ser de outra maneira? Suponhamos que toda a gente largava a pedra e a pedra ia para a direita. Se fosse assim, vocês admiravam-se? Bem, era belíssimo, era tão natural que dizíamos: — Porque não poderia ser doutra maneira. Não poderia ser doutro modo? Isto é uma fatalidade». Enfim, andar à volta daquela coisa. E não dizer assim: «Ora, meninos, os corpos caem para a terra». Há uma diferença que é abissal, não é? E as pessoas nunca tinham reparado: estas coisas vão animando a pessoa e inclinando-a a pensar. E tornar pensáveis as coisas habituais que não se pensam. Sujeitar tudo à nossa apreciação, ver tudo o que há de estranho na realidade, nesta nossa realidade, mesmo na hipótese das coisas não serem assim e serem doutro modo, noutros mundos, noutras situações. Enfim, no fundo, é o sentimento da precariedade das coisas todas. Pode ser até prejudicial instaurar no espírito das crianças e dos adolescentes este sentimento da efemeridade das coisas. Mas isto para mim é fundamental. Parece-me que a consciência de que tudo é precário e efémero anula muitos vícios humanos. E tornámo-nos [por isso] mais amigos uns dos outros. Isso é fundamental. E cada vez mais estamos desviados disso.